

## **Mega Ferreira, António (2017). *Itália. Práticas de viagem*. Lisboa: Sextante Editora, pp. 274**

Manuel G. Simões  
(Università Ca' Foscari Venezia, Italia)

Conforme declaração explícita do Autor, este livro «não é um guia nem um roteiro turístico-cultural» mas representa uma «viagem intelectual e afetiva» de cerca de quatro anos, seguindo o método (ditado pela sensibilidade) do seu precedente *Roma, exercícios de reconhecimento* (2010). Diga-se, desde já, que o discurso não se limita a reproduzir o olhar sensível do autor; de um modo geral, a curiosidade leva-o a investigar as linhas de força que formam a identidade de um lugar, como no caso de Trieste, em que a incursão a figuras como Joyce ou U. Saba o conduzem à contemporaneidade de Claudio Magris e à «sua vasta e multiforme obra literária» (27); ou ainda à investigação que empreende a propósito da ‘trindade’ Tintoretto, Ticiano e Veronese, cuja actividade marca o trajecto descendente da Sereníssima.

A grande literatura constitui, muitas vezes, o pano de fundo e pretexto para a construção do espírito do lugar, de que é exemplo o texto sobre Ravenna, com a referência obrigatória ao exílio de Dante Alighieri, sem esquecer os testemunhos de viajantes do século XIX, que o Autor mostra conhecer profundamente; ou o discurso sobre Ferrara e as vicissitudes que envolveram Torquato Tasso e Ariosto, e com um significativo salto para a contemporaneidade, referindo justamente Giorgio Bassani como o cronista que se debruça sobre «a vida social e a vida mental da cidade estense, em plena ditadura fascista» (121), e cujo olhar incide particularmente sobre a comunidade judaica. A propósito de Ferrara, e dado que AMF está geralmente atento às relações político-culturais entre Portugal e a Itália, a ponto de citar aqui a viagem de Brás de Albuquerque (1521) na comitiva da infanta D. Beatriz, viagem que terá determinado a construção da ‘Casa dos Bicos’ de Lisboa, inspirada no Palácio dos Diamantes, estranha-se o silêncio acerca da oficina do hebreu emigrado Abraão Usque e donde saíram a 1ª ed. de *Menina e Moça* (1554), de Bernardim Ribeiro, a *Consolação às Tribulações de Israel* (1553), de Samuel Usque, e outras obras.

Não transcurando os aspectos artísticos, o Autor parece porém privilegiar a história política e urbana das cidades-estado que compunham o mosaico da totalidade contemporânea. Serve como exemplo o espaço dedicado a «Bolonha, *la rossa, la dotta, la grassa*», um dos momentos em que o

texto 'traí' a intenção aduzida na nota introdutória, visto que aqui parece ter a função de guia, com abundância de pormenores até da tradição local e com sequências que sugerem a transcrição de guias turísticos («As 'Sete Igrejas' de Bolonha», 75 e segs.), embora se tenha em mente a curiosidade do viajante mais exigente. Semelhante critério pode observar-se relativamente a Siena em que a atenção recai precisamente sobre a *Piazza del Campo* (e *Palazzo Pubblico*), manifestando o grande interesse pelos frescos de Lorenzetti, «considerados a primeira obra pictórica cujo programa é inteiramente político» (153), mas tudo isto como se não existisse essa maravilha que é a catedral de Siena, onde, além do mais, se pode admirar o fresco de Pintoricchio celebrando o encontro da infanta D. Leonor, irmã de D. Afonso V, com o imperador habsburgo Frederico III, por ocasião da confirmação do seu casamento. E a mesma atitude é observada quando descreve a Florença dos Medici, com particular relevo para o 'mito laurenziano', com insistência, portanto, sobre a história política que marcou o Renascimento.

É evidente, porém, que as formas artísticas não nascem isoladas do contexto sócio-estético e por isso este projecto não foge à nomeação da grande pintura florentina do século XV (Botticelli, os Lippi, etc.), com a história e a paisagem «em movimento, vivas, sensoriais» (214) e sobretudo com a apaixonada descrição da Capella Brancacci na igreja de Santa Maria del Carmine, onde a lição de Masaccio culmina com a arte de Filippino Lippi, o pintor favorito do Autor relativamente ao final do *Quattrocento* florentino.

Na organização deste percurso erudito, é de assinalar o seu título demasiado abrangente, se considerarmos a ausência de todo o Norte italiano até ao «triângulo emiliano», e do território para Sul de Roma, com excepção das duas visitas contrastantes a Pompeia, em 1979 e nos finais do século passado, com a convicção de que «é de Roma e dos tempos do Império que ela constitui complemento indispensável» (239). Esta abrangência aplica-se a alguns textos 'espúrios' inscritos no capítulo «Roma Eterna», como «O mistério do fidalgo de Chaves», a propósito das *Memórias* de um fidalgo de Chaves que frequentou a sociedade romana no início do século XVI; ou a ficção a partir de uma fotografia de Pasolini na esplanada do Café Rosati, salvando-se a pertinência dos breves textos sobre «Uma jóia negligenciada: Santi Quattro Coronati», onde se podem ver as armas de Portugal no tecto oferecido por D. Henrique, cardeal em título em 1546, e sobre «O esplendor de Roma no tempo de Bernini», representando os dois últimos um estudo complementar ao já referido volume do Autor, *Roma, exercícios de reconhecimento*, de 2010.